

SURGE UM NOVO COMPLEXO MILITAR-INDUSTRIAL

Por Michael Klare*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A competição entre empresas de defesa tradicionais e startups como Anduril, General Atomics e AeroVironment vai aumentar, mas as empresas de armas multibilionárias não cairão sem luta – o que provavelmente dividirá o universo trumpiano.

Em abril passado, em um movimento que gerou pouca atenção da mídia, a Força Aérea dos EUA (USAF) anunciou que havia escolhido dois fabricantes de drones pouco conhecidos — Anduril Industries de Costa Mesa, Califórnia, e General Atomics de San Diego — para construir versões protótipos de sua proposta Collaborative Combat Aircraft (CCA), um futuro avião não tripulado destinado a acompanhar aeronaves pilotadas em missões de combate de alto risco.

A falta de cobertura foi surpreendente, dado que a USAF espera adquirir pelo menos 1.000 CCAs na próxima década por cerca de US\$ 30 milhões cada, tornando este um dos novos projetos mais caros do Pentágono. Mas considere isso o mínimo que a mídia deixou de notar. Ao ganhar o contrato do CCA, a Anduril e a General Atomics venceram três dos maiores e mais poderosos contratantes de defesa do país — Boeing, Lockheed Martin e Northrop Grumman — representando uma grave ameaça ao domínio contínuo do complexo militar-industrial existente, ou MIC (*Military Industrial Complex*).

Por décadas, um punhado de empresas gigantes como essas três conquistaram a maior parte dos contratos de armas do Pentágono, produzindo os mesmos aviões, navios e mísseis ano após ano, enquanto geravam enormes lucros para seus proprietários. Mas uma variedade de novas empresas, nascidas no Vale do Silício ou incorporando seu *ethos* disruptivo, começaram a desafiar as mais antigas pelo acesso aos prêmios lucrativos do Pentágono. No processo, algo inovador, embora mal coberto pela grande mídia, está em andamento: um novo MIC está nascendo, um que potencialmente terá objetivos e tomadores de lucro muito diferentes do existente. Não é possível prever como as batalhas inevitáveis entre os antigos e os novos MICs se desenrolarão, mas conte com uma coisa: eles certamente gerarão turbulência política significativa nos próximos anos.

A própria noção de um “*complexo militar-industrial*” ligando gigantes contratantes de defesa a figuras poderosas no Congresso e nas forças armadas foi introduzida em 17 de janeiro de 1961 pelo presidente Dwight D. Eisenhower em seu discurso de despedida ao Congresso e ao povo americano. Naquele momento da Guerra Fria, em resposta a poderosas ameaças estrangeiras, ele observou que “*fomos compelidos a criar uma indústria de armamentos permanente de vastas proporções*”. No entanto, ele acrescentou, usando a frase pela primeira vez, “*devemos nos proteger contra a aquisição de influência injustificada, seja buscada ou não, pelo complexo militar-industrial. O potencial para a ascensão desastrosa do poder mal colocado existe e persistirá*”.

Desde então, o debate sobre o poder acumulado do MIC tem agitado a política americana. Vários políticos e figuras públicas proeminentes retrataram a entrada dos EUA em uma série catastrófica de guerras estrangeiras — no Vietnã, Camboja, Laos, Iraque, Afeganistão e outros lugares — como consequência da influência indevida desse complexo na formulação de políticas. No entanto, nenhuma dessas alegações e reclamações conseguiu afrouxar o controle de ferro do MIC sobre a aquisição de armas do Pentágono. O orçamento recorde de defesa deste ano de aproximadamente US\$ 850 bilhões inclui US\$ 143,2 bilhões para pesquisa e desenvolvimento e outros US\$ 167,5 bilhões para a aquisição de armamento. Esses bilhões, a maioria dos quais será canalizada para essas gigantes empresas de defesa, excede o valor total gasto em defesa por todos os outros países da Terra.

Com o tempo, a competição por contratos bilionários do Pentágono levou a uma redução do ecossistema do MIC, resultando no domínio de alguns grandes gigantes industriais. Em 2024, apenas cinco empresas — Lockheed Martin (com US\$ 64,7 bilhões em receitas de defesa), RTX (anteriormente Raytheon, com US\$ 40,6 bilhões), Northrop Grumman (US\$ 35,2 bilhões), General Dynamics (US\$ 33,7 bilhões) e Boeing (US\$ 32,7 bilhões) — reivindicaram a grande maioria dos contratos do Pentágono (Anduril e General Atomics nem sequer apareceram em uma lista dos 100 principais beneficiários de contratos).

Tipicamente, essas empresas são as líderes, ou “*prime*”, contratantes para os principais sistemas de armas que o Pentágono continua comprando ano após ano. A Lockheed Martin, por exemplo, é a principal contratante para o caça furtivo F-35 de alta prioridade da USAF (um avião que muitas vezes se mostrou claramente decepcionante em operação); a Northrop Grumman está construindo o bombardeiro furtivo B-21; a Boeing produz o jato de combate F-15EX; e a General

Dynamics fabrica os submarinos de ataque da classe Los Angeles da Marinha americana.

Itens “*de alto valor*” como esses geralmente são comprados em números substanciais ao longo de muitos anos, garantindo lucros estáveis para seus produtores. Quando as compras iniciais de tais sistemas parecem estar quase concluídas, seus produtores geralmente geram versões novas ou atualizadas das mesmas armas, enquanto empregam seus poderosos braços de *lobby* em Washington para convencer o Congresso a financiar os novos projetos.

Ao longo dos anos, organizações não governamentais como o National Priorities Project e o Friends Committee on National Legislation tentaram heroicamente persuadir os legisladores a resistir aos esforços de *lobby* do MIC e reduzir os gastos militares, mas sem sucesso notável. Agora, no entanto, uma nova força — a cultura de *startups* do Vale do Silício — entrou na briga, e a equação do complexo militar-industrial está mudando drasticamente e repentinamente.

ENTÃO VEIO A ANDURIL

Considere a Anduril Industries, uma das duas empresas pouco conhecidas que deixaram três pesos pesados do MIC para trás em abril passado ao ganhar o contrato para construir um protótipo da Collaborative Combat Aircraft. A Anduril (batizada em homenagem à espada carregada por Aragorn em *O Senhor dos Anéis* de J.R.R. Tolkien) foi fundada em 2017 por Palmer Luckey, um projetista de *headsets* de realidade virtual, com o objetivo de incorporar inteligência artificial em novos sistemas de armas. Ele foi apoiado nesse esforço por investidores proeminentes do Vale do Silício, incluindo Peter Thiel do Founders Fund e o chefe de outra *startup* voltada para a defesa, a Palantir (um nome também derivado de *O Senhor dos Anéis*).

Desde o início, Luckey e seus associados procuraram deixar de lado os tradicionais contratados de defesa para abrir espaço para suas *startups* de alta tecnologia. Essas duas empresas e outras novas empresas de tecnologia frequentemente se viam excluídas de grandes contratos do Pentágono que há muito tempo eram escritos para favorecer os gigantes do MIC com seus grupos de advogados e domínio da papelada governamental. Em 2016, a Palantir até processou o Exército dos EUA por se recusar a considerá-la para um grande contrato de processamento de dados e mais tarde prevaleceu no tribunal, abrindo as portas para futuras concessões do Departamento de Defesa.

Além de sua postura jurídica agressiva, a Anduril também ganhou notoriedade graças à franqueza de seu fundador, Palmer Luckey. Enquanto outros líderes corporativos eram geralmente contidos em sua linguagem ao discutir as operações do Departamento de Defesa, Luckey criticou abertamente a preferência inata do Pentágono por trabalhar com contratantes de defesa tradicionais em detrimento de investimentos em tecnologias avançadas que ele acredita serem necessárias para dominar a China e a Rússia em algum conflito futuro.

Tal tecnologia, ele insistiu, só estava disponível na indústria de tecnologia comercial. “*Os maiores contratantes de defesa são compostos por patriotas que, no*

entanto, não têm a experiência em software ou modelo de negócios para construir a tecnologia de que precisamos”, Luckey e seus principais associados alegaram em seu Documento de Missão de 2022. “Essas empresas trabalham lentamente, enquanto os melhores engenheiros [de software] gostam de trabalhar em velocidade. E o talento de engenharia de software que pode construir mais rápido do que nossos adversários reside no setor comercial, não em grandes empresas de defesa.”

Para superar os obstáculos à modernização militar, argumentou Luckey, o governo precisava afrouxar suas regras de contratação e tornar mais fácil para *startups* de defesa e empresas de software fazerem negócios com o Pentágono. *“Precisamos de empresas de defesa que sejam rápidas. Isso não vai acontecer simplesmente por desejar que seja assim: só vai acontecer se as empresas forem incentivadas a se mudar”* por políticas muito mais permissivas do Pentágono.

Apoiada por tais argumentos, bem como pela influência de figuras-chave como Thiel, a Anduril começou a garantir contratos modestos, mas estratégicos, dos militares e do Departamento de Segurança Interna. Em 2019, recebeu um pequeno contrato do Corpo de Fuzileiros Navais para instalar sistemas de vigilância de perímetro habilitados para IA em bases no Japão e nos Estados Unidos. Um ano depois, ganhou um contrato de cinco anos e US\$ 25 milhões para construir torres de vigilância na fronteira EUA-México para a Alfândega e Proteção de Fronteiras (CBP). Em setembro de 2020, também recebeu um contrato de US\$ 36 milhões da CBP para construir torres de sentinela adicionais ao longo dessa fronteira.

Depois disso, concessões maiores começaram a chegar. Em fevereiro de 2023, o Departamento de Defesa começou a comprar o drone de vigilância/ataque Altius-600 da Anduril para entrega aos militares ucranianos e, em setembro passado, o Exército americano anunciou que compraria seu drone Ghost-X para operações de vigilância no campo de batalha. A Anduril também é agora uma das quatro empresas selecionadas pela USAF para desenvolver protótipos para seu proposto Enterprise Test Vehicle, um drone de médio porte destinado a lançar salvas de drones menores de vigilância e ataque.

O sucesso da Anduril em ganhar contratos cada vez maiores com o Pentágono atraiu o interesse de investidores ricos em busca de oportunidades de lucrar com o crescimento esperado de *startups* voltadas para a defesa. Em julho de 2020, recebeu novos investimentos de US\$ 200 milhões do Thiel's Founders Fund e do proeminente investidor do Vale do Silício Andreessen Horowitz, elevando a avaliação da empresa para quase US\$ 2 bilhões. Um ano depois, a Anduril obteve outros US\$ 450 milhões dessas e de outras empresas de capital de risco, elevando sua avaliação estimada para US\$ 4,5 bilhões (o dobro do que era em 2020). Mais capital financeiro fluíu para a Anduril desde então, liderando um grande impulso de investidores privados para alimentar a ascensão de *startups* de defesa — e lucrar com seu crescimento à medida em que ele se materializa.

A INICIATIVA REPLICATOR

Junto com seu sucesso em atrair grandes contratos de defesa e infusões de capital, a Anduril conseguiu convencer muitos altos funcionários do Pentágono da necessidade de reformar as operações de contratação do departamento para abrir mais espaço para *startups* de defesa e empresas de tecnologia. Em 28 de agosto de 2023, a vice-secretária de Defesa Kathleen Hicks, então a segunda mais alta autoridade do departamento, anunciou a inauguração da iniciativa “Replicator”, projetada para acelerar a entrega de armamento avançado às forças armadas.

“[Nossos] processos orçamentários e burocráticos são lentos, complicados e bizantinos”, reconheceu ela. Para superar tais obstáculos, ela indicou, a iniciativa Replicator cortaria a burocracia e concederia contratos diretamente a startups para o rápido desenvolvimento e entrega de armamento de ponta. “Nosso objetivo”, ela declarou, “é semear, acender e atizar as chamas da inovação”.

Como Hicks sugeriu, os contratos Replicator seriam de fato concedidos em lotes sucessivos, ou “*tranches*”. A primeira parcela, anunciada em maio passado, incluía drones *kamikaze* AeroVironment Switchblade 600 (chamados assim porque eles supostamente colidem com os alvos pretendidos, explodindo no contato). A Anduril foi uma tripla vencedora na segunda parcela, anunciada em 13 de novembro. De acordo com o Departamento de Defesa, esse lote incluía financiamento para a compra de drones de vigilância Ghost-X pelo Exército dos EUA, a aquisição de drones *kamikaze* Altius-600 pelo Corpo de Fuzileiros Navais americano e o desenvolvimento do Enterprise Test Vehicle da USAF, do qual a Anduril é um dos quatro fornecedores participantes.

Tão importante quanto, talvez, foi a adoção de Hicks do projeto de Palmer Luckey para reformar as compras do Pentágono. “A iniciativa Replicator está demonstravelmente reduzindo barreiras à inovação e fornecendo capacidades aos combatentes em um ritmo rápido”, afirmou ela em novembro. “Estamos criando oportunidades para uma ampla gama de empresas tradicionais e não tradicionais de defesa e tecnologia... e estamos construindo a capacidade de fazer isso repetidamente.”

ENTRAM OS TRUMPIANOS

Kathleen Hicks deixou o cargo de vice-secretária de Defesa em 20 de janeiro, quando Donald Trump reocupou a Casa Branca, assim como muitos de seus principais assessores. Ainda não se sabe exatamente como o novo governo abordará a questão das compras militares, mas muitos no círculo interno de Trump, incluindo Elon Musk e o vice-presidente J. D. Vance, têm fortes laços com o Vale do Silício e, portanto, provavelmente favorecerão políticas semelhantes às do Replicator.

Pete Hegseth, o ex-apresentador da *Fox News* que recentemente ganhou a confirmação como secretário de Defesa, não tem experiência em desenvolvimento de armas e disse pouco sobre o tópico. No entanto, a escolha de Trump como vice-secretário (e substituto de Hicks) é o investidor bilionário Stephen A. Feinberg

que, como diretor de investimentos da Cerberus Capital Management, adquiriu a startup militar Stratolaunch — sugerindo que ele pode favorecer a extensão de programas como o Replicator.

Em certo sentido, o momento Trump se encaixará nos padrões de Washington passados quando se trata do Pentágono, pois o presidente e seus aliados republicanos no Congresso, sem dúvida, pressionarão por um aumento maciço nos gastos militares, apesar do fato de que o orçamento militar já está em um recorde histórico impressionante. É provável que todos os produtores de armas lucrem com tal movimento, sejam os contratantes principais tradicionais ou as *startups* do Vale do Silício. Se, no entanto, os gastos com defesa forem mantidos nos níveis atuais — para financiar os cortes de impostos e outras medidas custosas favorecidas por Trump e os republicanos — uma competição acirrada entre as duas versões do complexo militar-industrial pode facilmente surgir novamente. Isso, por sua vez, pode desencadear divisões dentro do círculo interno de Trump, colocando os leais ao antigo MIC contra os adeptos do novo.

A maioria dos legisladores republicanos, que geralmente dependem de contribuições das antigas empresas do MIC para financiar suas campanhas, estão fadados a apoiar os principais contratantes em tal rivalidade. Mas dois dos principais conselheiros de Trump, J. D. Vance e Elon Musk, podem empurrá-lo na direção oposta. Vance, um ex-funcionário do Vale do Silício que supostamente se tornou companheiro de chapa de Trump somente após forte *lobby* de Peter Thiel e outros bilionários da tecnologia, provavelmente será encorajado por seus antigos aliados a direcionar mais contratos do Pentágono para Anduril, Palantir e empresas relacionadas. E isso dificilmente seria surpreendente, já que o fundo de risco privado de Vance, Narya Capital (sim, outro nome derivado de *O Senhor dos Anéis!*), investiu na Anduril e outros empreendimentos militares/espaciais.

Nomeado por Trump para dirigir o ainda a ser estabelecido Departamento de Eficiência Governamental, Elon Musk, como Palmer Luckey da Anduril, lutou contra o Departamento de Defesa para obter contratos para uma de suas empresas, a SpaceX, e expressou profundo desprezo pela maneira tradicional de fazer as coisas do Pentágono. Em particular, ele denegriu o caro e geralmente de baixo desempenho caça a jato F-35 feito pela Lockheed em um momento em que drones governados por IA estão se tornando cada vez mais capazes. Apesar desse progresso, como ele escreveu no *X*, a plataforma de mídia social que ele agora possui, *“alguns idiotas ainda estão construindo caças tripulados como o F-35”*. Em uma postagem subsequente, ele acrescentou que *“os caças tripulados são obsoletos na era dos drones de qualquer maneira”*.

Sua crítica ao F-35 irritou a USAF e fez com que as ações da Lockheed caíssem em mais de 3%. *“Estamos comprometidos em entregar a aeronave mais avançada do mundo — o F-35 — e suas capacidades inigualáveis com o governo e nossos parceiros da indústria”*, declarou a Lockheed em resposta aos tuítes de Musk. No Pentágono, o secretário da USAF Frank Kendall disse o seguinte: *“Tenho muito respeito por Elon Musk como engenheiro. Ele não é um combatente e precisa aprender um pouco mais sobre o negócio, eu acho, antes de fazer anúncios tão grandiosos como fez.”* Ele então acrescentou: *“Não vejo o F-35 sendo substituído. Devemos continuar a comprá-lo e também devemos continuar a atualizá-lo.”*

O presidente Trump ainda não indicou sua posição sobre o F-35 ou outros itens de alto preço na programação orçamentária do Pentágono. Ele pode (ou não) pedir uma desaceleração nas compras desse avião e buscar maior investimento em outros projetos. Ainda assim, a divisão exposta por Musk — entre armas tripuladas caras feitas por contratantes de defesa tradicionais e sistemas não tripulados mais acessíveis feitos por empresas como Anduril, General Atomics e AeroVironment — deve aumentar nos próximos anos, à medida em que a nova versão do complexo militar-industrial só cresce em riqueza e poder. Como o antigo MIC lidará com tal ameaça à sua primazia ainda está por ser visto, mas empresas de armas multibilionárias provavelmente não se afastarão sem lutar. E essa luta provavelmente dividirá o universo trumpiano.

Publicado no [TomDispatch](#).

****Michael T. Klare** é autor regular do TomDispatch, professor emérito de cinco faculdades de estudos de paz e segurança mundial no Hampshire College e pesquisador visitante sênior na Arms Control Association. Klare é autor de 15 livros, sendo o mais recente "All Hell Breaking Loose: The Pentagon's Perspective on Climate Change".*
